



Essa história é de verdade professora?

Autor: Karla J. R. de Mendonça

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Ler, contar e ouvir o que se conta como práticas educacionais, pode ser revelador aos ouvidos adultocêntricos frente aos conhecimentos e memórias infantis. Os contos, estando presentes nos livros didáticos e na diversidade do material literário no contexto escolar, promovem contações e reconhecimento de memórias, porém alguns por afirmar sua alteridade, são descartados da prática pedagógica, como os Contos do Sagrado Religioso. Nos momentos de leitura e contação de histórias que acontecem no mínimo 3 vezes por semana no 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da periferia de João Pessoa, os contos que envolvem o Sagrado na literatura infantil contemporânea foram incluídos, sendo estes: Aguemon de Carolina Cunha; Nina África de Leonice Gomes, Arlene Holanda e Clayson Gomes; O Maluco do Céu de Anna Gobel; Um Senhor muito velho com umas asas enormes de Gabriel Garcia Márquez e Carme Solé Vendrell; A origem do mundo de Maria Augusta M. Randon; O segredo da chuva de Daniel Munduruku; O pescador, o anel e o rei, conto popular recontado por Bia Bedran.. Este processo valorizou e analisou a representação das crianças, como leem o mundo frente ao sagrado, como os compreendem a partir de sua cultura religiosa e os relacionam com o contexto social. Histórias contadas e escritas deste universo Sagrado foram apresentadas pelas crianças, reafirmaram conceitos da identidade religiosa que participam, revelando questionamentos críticos em relação a diversidade e diferenças, procurando explicar os fatos misteriosos e curiosos do mundo. Surgiram ainda termos pejorativos e estranhamentos expressados individualmente, muito associado com o que internalizaram das suas relações inter e intrageracionais em sociedade. Este trabalho desenvolveu-se a partir da protagonismo das crianças e mediação da docente na leitura e contação dos contos envolvendo o sagrado religioso de algumas culturas como africana, grega, indígena, cristã ocidental, com sua origem na cultural oral mas que sua essência foi mantida e recontada nos livros da literatura infantil por editoras consideradas laicas.

Palavras-chave: Contos, Sagrado, Literatura Infantil, Escola, Criança.

INTRODUÇÃO

O conto, o sobrenatural e o fantástico, estão relacionados desde as sociedades mais antigas. Entre as celebrações sagradas de diferentes povos e suas histórias, surgem os contos, que surgem os mitos de acordo com Andrew Lang citado por Regina Machado (2015) no livro A Arte da Palavra e da Escuta. Ritos, histórias, religiosidades se misturam nos contos como tradição multidimensional, são diversos significados deles extraídos pelo ouvinte, ou por quem conta a partir das narrativas orais.

Constantemente estão presentes nas relações no contexto escolar as questões religiosas entre o adulto (o professor, funcionários da escola e os membros da família) e a criança (estudante e indivíduo a ser cuidado, orientado e protegido pela família e pela escola); bem como na relação entre as crianças. Também é perceptível na escola objetos e linguagens relacionadas à religiosidade, inclusive analisados nos livros e textos da literatura infantil (geralmente da tradição cristã, ou



registrados como mitos, lendas) apresentados no contexto pedagógico, mesmo que estes assim não forem caracterizados pelos professores, mas são comumente analisados pelas crianças.

Desde o nascimento, a linguagem está presente em um processo social de aprendizagem, é a forma de comunicação com o mundo e de atuação sobre ele. Esta linguagem através dos contos orais ou escritos, permite a aquisição do conhecimento e a atividade intelectual do homem em sociedade, além de instrumento potencialmente pedagógico na escola, e moral na sociedade, este atribui encantamentos e exercícios constantes em procurar enxergar de diversas maneiras o real e o imaginário. Os espaços de convivência, como o escolar, religioso, urbano e profissional, as pessoas, os líderes, os professores, as crianças, são movidos em seus diálogos por pequenos contos da vida cotidiana, e embalam contos da tradição oral para divertir e ensinar nestes momentos, relacionando-se com o mundo de forma criativa e simbólica.

A partir desta reflexão este trabalho foi realizado em uma escola pública em que atuo neste ano de 2016 em uma turma de 4º ano com crianças que variam de 9 a 11 anos, onde percebeu-se no processo de ensino-aprendizagem e nas mediações durante as rodas de leitura vivências e percepções ligadas à religiosidade. Alguns relatos moralistas por parte das crianças vinculados a religiões, cerimônias, debates relacionados ao conteúdo de história, curiosidades sobre a diversidade religiosa em sala de aula, foram determinantes para a realização deste trabalho.

Os contos religiosos na escola pública são materializados nos livros de literatura infantil encontrados nos acervos das bibliotecas, de diferentes editoras laicas ou católicas. Os contos que trazem esta linguagem na escola, são geralmente utilizados com um objetivo moralista, de ensinamentos de valores, nas aulas de ensino religioso, ou simplesmente são excluídos pois por carregarem significados religiosos específicos de alguma cultura, e assim o professor pode se sentir desconfortável com esta leitura para a turma frente as perguntas que poderão surgir, envolvendo então a subjetividade religiosa e sagrada de cada um.

A partir destas diversidades e questionamentos relacionados aos textos que levavam as crianças à refletir sobre o sagrado e o religioso durante a prática de leitura, que coletivamente desenvolveu-se uma pesquisa na biblioteca da escola, selecionando obras a partir de seus títulos, que evidenciassem contextos religiosos diversos. Processo colaborativo com participação ativa das crianças em que analisaram desde a capa do livro, e em alguns deles pela região do mundo que o conto tem sua origem, aguçando a curiosidade sobre o local, para efetivar essa escolha.

Desta forma foram selecionados sete livros de editoras laicas com o intuito de serem incluídos nas rodas de leituras e contações de histórias realizadas no mínimo pela professora e pelas crianças



3 vezes por semana. Estes contos foram: Aguemon de Carolina Cunha; Nina África de Leonice Gomes, Arlene Holanda e Clayson Gomes; O Maluco do Céu de Anna Gobel; Um Senhor muito velho com umas asas enormes de Gabriel Garcia Márquez e Carne Solé Vendrell; A origem do mundo de Maria Augusta M. Randon; O segredo da chuva de Daniel Munduruku; O pescador, o anel e o rei, conto popular recontado por Bia Bedran.

Neste trabalho o objetivo foi direcionado a análise e a descrição de como se constroem as leituras e as aprendizagens desenvolvidas pelas crianças a partir de suas vivências diante dos conceitos e os contextos religiosos que participam e diante das relações sociais inter e intra-generacionais a partir dos contos do universo sagrado e religioso, refletindo significados do contexto social potencialmente diverso em termos de culturas religiosas e suas expressões por parte das crianças e dos adultos da escola, e a percepção das crianças frente a essa diversidade.

Este processo valorizou e analisou a representação das crianças, como leem o mundo frente ao sagrado, como os compreendem a partir de sua cultura religiosa e os relacionam com o contexto social a partir da análise e interpretação dos contos, em que além da valorização da interculturalidade no contexto escolar, as crianças atuam como protagonistas deste processo ao terem contato com obras que retratam o sagrado e o religioso das narrativas orais transformadas em textos literários. Desta forma a mediação da docente na leitura e contação dos contos, priorizando o máximo de diversidade encontrada a partir da literatura infantil, se mostrou fundamental, pois ao se apresentar culturas como africana, grega, indígena, cristã ocidental, revela-se e reflete-se contextos históricos, modos de vidas e conhecimentos a partir da cultura oral na qual sua essência foi mantida e recontada nos livros por editoras consideradas laicas.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

Baseando-se nos estudos referentes a educação pública intercultural, a literatura infantil e o contexto religioso na educação, sobre a sociologia da infância e da antropologia da criança, este trabalho foi desenvolvido em uma escola pública em que atuo de educação infantil e ensino fundamental I (1º ao 5º ano) na periferia de João Pessoa, em uma turma de 4º ano do ensino fundamental contando com 20 alunos frequentando efetivamente, na qual observei algumas indagações e colocações das crianças em relação ao contexto religioso a partir de leituras, contações de histórias e conteúdos pedagógicos.



Vivências religiosas sempre se fazem muito presentes nos relatos das crianças, porém questionamentos mais significativos surgiram a partir de um conto apresentado em uma das rodas de leitura, que envolviam concepções do sagrado religioso da cultura indígena intitulado Karu Taru, sendo o personagem uma criança, estava preocupado com seu futuro pois seria designado a ser o próximo pajé, o que trouxe diferentes visões por parte das crianças a respeito dos símbolos e sentidos após a contação.

Histórias contadas e escritas do universo Sagrado foram apresentadas pelas crianças, reafirmaram conceitos da identidade religiosa que participam, revelando questionamentos críticos em relação a diversidade e diferenças, procurando explicar os fatos misteriosos e curiosos do mundo: “na realidade não foi assim que aconteceu” discordando das informações do conto, “eu não acredito que aconteceu desse jeito, por que na bíblia diz diferente”, ao se depararem com questões como a origem do mundo e dos elementos naturais das culturas gregas, indígenas e africanas.

A partir do conto “o pescador, o anel e o rei” as crianças reconheceram as suas vivências e experiências religiosas ao se depararem com a devoção e fé do personagem principal (pescador) mesmo diante das dificuldades da vida. Este conto foi apresentado através de uma contação de história, em que as crianças fizeram inferências às condutas positivas do personagem ao cotidiano delas religioso.

Nos livros *Aguemon* e *A origem do mundo*, baseadas nas culturas africana e grega respectivamente, onde durante a roda de leitura da história “Aguemon” (trazendo a linguagem do yorubá), algumas crianças interferiram com interpretações bíblicas sobre o surgimento dos seres humanos; muito se conversou sobre racismo ao observarem os personagens; mostraram desconhecer o significado da palavra “Orixás”, e de acordo com a história indagaram se Olorum criou o povo africano, pois assim interpretaram o final da história; comentaram ainda sobre uma novela onde os africanos escravizados iam em uma igreja, mas que não tinha os Orixás (*Escrava mãe* – Rede Record). Na história grega “A origem do mundo”, eles ficaram surpresos com a variedade de Deuses e seres que não conheciam, principalmente ao visualizarem as imagens, porém pouco interferiram na história.

Após a roda de conversa sobre as histórias, realizou-se a atividade intitulada: o mundo começou assim. Observou-se que a maioria das crianças sustentaram a ideia de que o mundo foi obra de Deus (figura 1), algumas delas desenharam e relataram explicações com algum fundamento científico, porém por vontade de Deus (figura2), e outras duas desenharam com ideias relacionadas



aos contos apresentados (figura 3), em que esta criança representou a participação de vários deuses na criação do mundo.

1.



2.



3.



Uma das crianças ao final particularmente, veio perguntar “quem surgiu primeiro os dinossauros ou os camaleões?”, ao refletir sobre a história Aguemon, pois esta apresenta que o povo africano acredita que os camaleões (Aguemon) estavam presentes quando a Terra foi criada; outra criança perguntou se os camaleões eram imortais para estarem presentes no planeta desde a criação. A partir destes questionamentos observa-se o interesse por explicações científicas, recorrendo a professora como fonte deste conhecimento.

Uma destas situações foi diante do conto O fogo de Deus, que é um conto africano (porém não traz nenhuma linguagem étnica, utiliza palavras relacionadas às religiões cristãs), onde se argumentou como imaginaram Deus na história, e em relação ao seu aspecto físico foi muito relacionado à imagem de Jesus que observam em quadros nos espaços religiosos e em uma novela televisiva: branco, com barba branca, cabelos compridos brancos, apenas uma criança o relatou de cabelos pretos e curtos e barba curta.

Relembrou-se que Deus no filme o auto da compadecida não era como a maioria tinha falado, e assim a professora apresentou a imagem no livro, em que a mão de Deus se apresenta negra, e apresentaram espanto, onde uma delas ressaltou: “Mas na realidade Deus é branco”, uma outra criança no intuito de acabar com a dúvida da turma disse: “vou perguntar ao meu tio se Deus é branco ou negro”. Assim a partir deste conto desenvolveu-se questionamentos, discordâncias e novas reflexões anteriormente ainda não realizadas a partir da cultura e discussões raciais apresentadas.

Realizou-se um registro pelas crianças expressando suas ideias a partir do conto, representado através de frases os significados construídos por elas, de algumas palavras do texto lido, e realizando uma ilustração a partir do conto (figura 4).



Figura 4.

Debates envolvendo o contexto científico e o conto vieram também a partir do conto “o maluco do céu”, escolhido a partir do título, observou-se que as crianças antes de conhecerem o conto refletiram sobre o título tendo a certeza de que se tratava de alguma história envolvendo anjos ou pessoas que morreram e agora moram no céu. Porém se depararam com outros significados, um conto de origem caribenha, trouxe a separação dos continentes a partir da dança de um animalzinho no fundo do mar que queria morar no céu (o maluco do céu), fazendo então as crianças analisarem que tipo de céu o conto tratava. Estas imediatamente não concordaram com a narrativa, em que uma criança colocou: “Existem 3 céus: um é o que a gente vê, o outro é o espaço e o outro é onde Deus fica!”, outra acrescentou: “na verdade, o bichinho queria morar na terra!”

Na história O segredo da Chuva baseado na relação com o sagrado dos povos indígenas Munduruku, as crianças mostraram-se interessadas a respeito dos Seres Alados, onde poucos questionaram não existir, e mesmo os que se definiram como evangélicos, relacionaram os Seres Alados com fantasmas e anjos, sendo os primeiros espíritos maus e os anjos, espíritos bons. Alguns questionamentos em torno do que significa espíritos, almas e anjos e sua relação com as pessoas foram levantados, mas em sua grande maioria relacionaram à proteção, e a seres que já existiram em vida e morreram. Em algumas falas, principalmente nas conversas informais, as crianças exclamaram a ajuda dos anjos para realizarem seus desejos, principalmente materiais.

Durante as contações e rodas de leitura, muitos questionamentos surgiram tanto em relação aos significados linguísticos apresentados no texto, bem como a veracidade dos fatos, com a dúvida e a curiosidade se entrecruzando com a pergunta: “Essa história é de verdade professora?”. Porém entre os contos o que mais originou esta dúvida foi o conto escrito por Gabriel Garcia Marquez, “Um senhor muito velho com umas asas enormes”, trazendo um enredo em a relação entre o sobrenatural e o real, o religioso e a sociedade é traçada, desenvolvendo a partir do drama de um personagem a se definir pelo leitor durante a trama. As crianças participaram ativamente



procurando entender que tipo de personagem era este, e se na realidade poderia ter acontecido aquela história, percebendo os lugares e as personagens envolvidas nos momentos de mistérios, ações agressivas e religiosas em torno do personagem principal.

No decorrer deste trabalho, uma criança levou para casa um livro de Trovas. Em outro momento na atividade do Sarau em que as crianças tem o momento de contar, declamar e expressar diferentes gêneros textuais, a criança chamou a professora em particular e disse: “Professora, posso dizer uma trova que decorei do livro, porque ela me emocionou muito!”, ao ser questionada sobre o motivo, ela disse: “ veja, tem amor, Deus, oração e coração”; e assim declamou aos colegas fechando os olhos e representando com as mãos. As crianças procuram expressar emoções ao falarem de Deus, se reportando à divindade como protetor, que as cuida e que assim por Ele demonstram sentimentos amorosos, também escolhem textos e contextos em que esta religiosidade se manifesta, reconhecendo-se assim sujeito e protagonista de suas leituras e compreensões de mundo.

CONCLUSÃO

As crianças ao serem consideradas sujeitos de sua aprendizagem e atuantes na sociedade, lhes dão ainda mais atributos para que se posicionem reconhecendo a sua cultura e a do outro como parte de uma sociedade de manifestações e relações diversas. Por isso os contos religiosos fazendo parte do acervo literário, e este com acesso valorizado à criança, por intermédio do professor como mediador e incentivador do reconhecimento da diversidade cultural existente à partir das tradições orais, e hoje muitas delas descritas em livros, cria uma rede de significados sociais, culturais e linguísticos para o adulto e para a criança, em uma relação dialógica de troca de conhecimentos.

São sentidos que interagem: a vida, a morte, o sobrenatural, a ciência, os modos de vida, os lugares, as pessoas, as vidas dentro e fora dos contos, que se relacionam. São inclusive um processo histórico, entre a matéria e o encantado, sagrado, o desconhecido.

É o que não se pode explicar, sendo contado, envolvendo emoções. As crianças envolvem-se criticamente e curiosamente frente aos contos, as palavras ganham vida, dúvida, formas e cores, sensações e sentimentos. Assim os valores morais são discutidos democraticamente, a educação e o ensino formal são compreendidos e relacionados ludicamente, novos significados são criados, e



socializados. Sobre os contos, MACHADO (2015, p. 211) ressalta, “focalizando o efeito que as histórias têm sobre nós, atualiza seu potencial, conversa com as pessoas que somos nós hoje.”

Pelas crianças o mistério dos contos religiosos e do contexto sagrado como das culturas indígenas, não está naquilo que não compreendem com sendo legítimo, pois eles por hora relacionaram o sagrado de cada lugar como forma diferenciada de acreditar, mas também perceberam semelhanças com sua própria maneira de acreditar. É o mistério e o razão se relacionando constantemente, construindo-se criticamente novos conhecimentos.

Experenciar faz parte dos universos lúdicos na diversidade de culturas em que as crianças se encontram, a escola pode ser este local também em que a história, os contos, a criatividade historicamente infinita dos sujeitos, são conhecidas, vividas e visibilizadas, estando em uma relação curiosa, crítica e de aprendizagem mútua entre o adulto professor, professora, entre as crianças estudantes e sujeitos sociais, em que suas subjetividades, interpretações, significações e criações são possibilitadas de serem expressadas e conectadas com outras diferentes maneiras de ser e estar em sociedade.

REFERÊNCIAS

CUNHA, L. A. **O Sistema Nacional de Educação e o ensino religioso nas escolas públicas.** Educação & Sociedade, vol. 34, núm. 124, 2013, pp. 925-941. Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87328534014>.

Acesso em 19/04/16

CUNHA, C. **Aguemon.** 1ª edição. São Paulo : Martins Fontes, 2005.

DELGADO, A.C.C.; MULLER, F. **Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmiento.** Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.15-24, 2006.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GÖBEL, A. **O maluco do céu.** Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009.

GOMES, L.; GOMES, C.; ARLENE, H. **Nina África. Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades.** 1ª ed. São Paulo: Elementar, 2009.

MACHADO, R. **A arte da palavra e da escuta.** 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MUNDURUKU, D. **O segredo da chuva.** 1ª edição. São Paulo: Ática, 2004.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

MUNDURUKU, D. **Karu Taru : O pequeno pajé**. 2.ed. Porto Alegre: EDELBRA, 2013.

PIRES, F. **Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião**.

Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(1): 143-164, 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n1/a08v30n1>. Acesso em 04/05/16

RANDON, M.A.M. **A origem do mundo**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

SOUSA, E. **Regra de três: uma análise comparativa entre distintas experiências com a infância**. 2012. 36º encontro anual da anpocs. 21 a 25 de outubro de 2012 - Águas de Lindóia – SP.

Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/>. Acesso em 2